



Vamos zerar tudo?

Em setembro, outubro e novembro, a URP salta para 22%, no mínimo, contra 17,68% em junho, julho e agosto. Nem a escala móvel do Plano Cruzado, a do «gatilho» de 20%, ousou tanto. Claro que nem só de salário vive o custo de produção dos bens e serviços. Mas essa variação mensal de 22% (ou mais) promete colocar empresas em choque e empresários em pânico.

De nada adiantará lembrar que a futura URP estará simplesmente amaciando as perdas passadas do salário real devidamente «urpado». Perdas que serão

mantidas em setembro — com URP de 22% alguém apostaria em IPC abaixo de 22%? Quer dizer: a partir de agora, a ameaça de uma hiperinflação estará embutida não mais no déficit público, mas na variação salarial...

O que fazer? Mário Amato propõe no interior do acordo nacional, rediscutido ontem, em São Paulo: apagar a memória do arrocho, zerar as perdas salariais dos últimos 20 meses (desde o Cruzado II) e sacar um novo estatuto salarial de uma negociação direta, necessariamente de cúpula, entre o capital e o trabalho.